ARTE



CONQUISTA

SOLUÇÃO EDUCACIONAL POSITIVO

ENSINO FUNDAMENTAL

9º ANO – 4º VOLUME

EDITORA POSITIVO

Conquista – Solução Educacional Positivo
© texto: Arte: Manisther Motta Bello e Paulo César Motta Bello
© projeto gráfico: Vicente Design
© ilustração de abertura: DKO Estudio
© imagens de abertura de unidade: Corel Stock Photos, Folhapress/Moacyr Lopes Junior, Folhapress/Sérgio Lima e Fabio Colombini
© ilustrações: Angela Giseli, DKO Estudio e Rasponu
Direitos de publicação © 2014 Editora Positivo Ltda.

Diretor-Superintendente: Ruben Formighieri
Diretor-Geral: Emerson Walter dos Santos
Diretora Comercial: Stela Maris Martins de Oliveira Machrin
Diretor Editorial: Joseph Razouk Junior
Gerente Editorial: Maria Elenice Costa Dantas
Gerente de Conteúdo: Julio Röcker Neto
Gerente de Arte e Iconografia: Cláudio Espósito Godoy
Supervisão Editorial: Cristina Kerscher
Edição de Conteúdo: Julia Tozin
Edição de Texto: Emanuella Kalil, Kathia Gavinha Paris
Supervisão de Arte: Karina Hollanda
Analista de Arte: Alexandre Mascari Cezar
Edição de Arte: Cassiano Darela
Editoração: Sinal Gráfico
Revisão: Sandra Regina de Souza (Coord.), Willem Marques
Pesquisa Iconográfica: Susan Rocha de Oliveira
Engenharia de Produto: Solange Szabelski Druszcz

PRODUÇÃO
Editora Positivo Ltda.
Rua Major Heitor Guimarães, 174 – Seminário
80440-120 – Curitiba – PR
Tel: (0xx41) 3312-3500
Site: www.editorapositivo.com.br

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica e Editora Posigraf Ltda.
Rua Senador Accioly Filho, 500
81310-000 – Curitiba – PR
Tel: (0xx41) 3212-5451
E-mail: posigraf@positivo.com.br
Impresso no Brasil
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

2014
Todos os direitos reservados à Editora Positivo Ltda.

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
(Maria Teresa A. Gonzati / CRB 9-1584 / Curitiba, PR, Brasil)

B446 Bello, Manisther Motta
Conquista : Solução Educacional Positivo : arte, 8º ano / Manisther Motta Bello, Paulo César Motta Bello ; ilustrações Angela Giseli, DKO Estudio, Rasponu. – Curitiba : Positivo, 2014.
v. 4 : il.

ISBN 978-85-385-9001-9 (Livro do aluno)
ISBN 978-85-385-9002-6 (Livro do professor)

1. Arte. 2. Ensino fundamental – Currículos. I. Bello, Paulo César Motta. II. Giseli, Angela. III. DKO Estudio. IV. Rasponu. V. Título.

CDU 372.8



Sumário

4. COMPOSIÇÕES DA ARTE 4

Patrimônio Cultural da Humanidade 5
- Patrimônio Cultural Material da Humanidade 6
- Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade 9

Arte indígena 10
- Cerâmica indígena 11
- Outras formas de arte: plumária, dança e pintura corporal 14
- Cerâmica no Nordeste 17

Músicas urbana, rural e regional 19
- Música do Nordeste brasileiro 19
- Barbatuques 20
- Olodum 21
- Música urbana 21
- Candido Portinari e Humberto Espíndola 22

Museu 23
- Museu do Louvre, Paris 25
- Museus brasileiros 26

Estilo 29

Dança: uma forma de expressão universal 30
- Balé clássico e dança acadêmica 30
- Dança moderna 30
- Dança contemporânea 31

Leitura dramática 32





4. COMPOSIÇÕES DA ARTE

O que há de comum entre estas imagens? 1

Angela Gell. 2004. Digital.

Desenhos inspirados nos grafismos da arte kusiwa.
Pintura corporal – motivos: espinha de peixe pacu e anaconda.



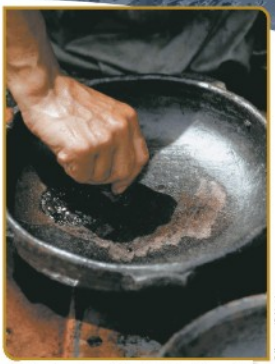
© Shutterstock/Jaroslaw Kilian

Arquipélago de Fernando de Noronha (PE)



© 123RF/Luis Marcelo Zanchi

Cataratas do Iguaçu no Parque Nacional do Iguaçu – Foz do Iguaçu (PR)



Panelas de cerâmica das Paneleiras de Goiabeiras – Vitória (ES)



Centro histórico de Congonhas (MG)

Como você pode perceber, são imagens do Brasil e da sua cultura. Registre a seguir suas hipóteses a respeito das relações que existem entre elas.

Patrimônio Cultural da Humanidade

Em 1972, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) criou a Convenção do Patrimônio Mundial, a fim de incentivar a preservação de bens culturais e naturais considerados significativos para a humanidade. Os países interessados em fazer parte da Lista do Patrimônio Mundial indicam os bens a serem preservados. Eles são avaliados por comissões técnicas e aprovados por um comitê especializado. A proteção e a conservação dos bens declarados ao Patrimônio Cultural da Humanidade são de responsabilidade do país onde eles estão localizados. A Unesco participa dando apoio às ações de proteção, pesquisa e divulgação com recursos técnicos e financeiros.

tombados: protegidos e conservados pelo Estado, em virtude de seu valor histórico.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), vinculado ao Ministério da Cultura, é um órgão dedicado à fiscalização, proteção, identificação, restauração, preservação e revitalização de monumentos, sítios e bens móveis do Brasil. Esse órgão já registrou mais de 16 mil edifícios brasileiros **tombados** e um acervo de diversificados bens culturais classificados, segundo sua natureza, nos quatro livros do Tombo.

Os livros do Tombo dividem-se em: Arqueológico, etnográfico e paisagístico; Histórico; das Belas-Artes e das Artes aplicadas.

Os bens imóveis são os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos. Já os bens móveis constituem-se de coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, arquivísticos, bibliográficos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.



Pohyjes/Getty Images

Vista aérea de Ouro Preto, cidade histórica de Minas Gerais, Brasil

Patrimônio Cultural Material da Humanidade

O Brasil tem 17 bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial: Conjunto arquitetônico e urbanístico de Ouro Preto (MG); Conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico de Olinda (PE); Ruínas da Igreja de São Miguel das Missões (RS); Conjunto arquitetônico e urbanístico de Salvador (BA); Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas (MG); Parque Nacional do Iguaçu, em Foz do Iguaçu (PR); Conjunto urbanístico, arquitetônico e paisagístico de Brasília (DF); Parque Nacional Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato (PI); Conjunto arquitetônico e urbanístico do Centro histórico de São Luís (MA); Conjunto arquitetônico e urbanístico do Centro Histórico de Diamantina (MG); Conjunto paisagístico do Pantanal Mato-Grossense (MT/MS); Conjunto paisagístico do Parque Nacional do Jaú (AM); Costa do Descobrimento (BA); Mata Atlântica do Sudeste; Reservas do Cerrado - Parque Nacional das Emas e Parque Nacional Chapada dos Veadeiros (GO); Centro Histórico de Goiás; Ilhas Atlânticas - Reservas de Fernando de Noronha (PE) e Atol das Rocas (RN).



Olga Brasil Imagens/Marcos André

Centro Histórico de Congonhas (MG)

Atividade 2

Além desses, que outros bens do Brasil você incluiria como Patrimônio Cultural Material Mundial?

Pessoal.

Faça uma pesquisa sobre os bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial a seguir. Depois, relacione cada imagem a seu respectivo lugar, de acordo com a numeração na sequência.

1. Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas (MG)
2. Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Salvador (BA)
3. Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Brasília (DF)
4. Parque Nacional da Chapada Diamantina (BA)
5. Ruínas da Igreja de São Miguel das Missões (RS)
6. Centro Histórico de Goiás (GO)
7. Parque Nacional das Emas (GO)
8. Conjunto Arquitetônico e Urbanístico do Centro Histórico de São Luís (MA)
9. Parque Nacional do Iguaçu – Foz do Iguaçu (PR)
10. Costa do Descobrimento (BA)
11. Parque Nacional do Jaú (AM)
12. Mata Atlântica do Sudeste
13. Atol das Rocas (RN)
14. Fernando de Noronha (PE)
15. Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto (MG)
16. Conjunto Paisagístico do Pantanal Mato-Grossense (MT/MS)



Pulsar Imagens/Fotos Gerais



Getty Images/agefotostock/Collection



Opção Brasil Imagens/Marcio Cabral



© Shutterstock/Antonio Tajuelo



Fotos para ilustrar/Igor Pena



Getty Images/Geraldo Rajoti



Opção Brasil Imagens/Zig Koch



Fotos para ilustrar/Gilberto Cesar



© 123RF/profi1



Opção Brasil Imagens/Carlos Sette Jr.



Latin Stock/Lucas Ramos



Getty Images/iStock



Latin Stock/Mariangela Bruno Machado



© Shutterstock/Gerardo Lopardi



© 123RF/Kenny Richards



© 123RF/Gunter Hoffmann

Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade

O Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro registrado ainda é pequeno. No entanto, muitos processos estão em andamento, como os das seguintes manifestações: caboclinho, cavalo-marinho, maracatu nação, maracatu rural, modo de fazer arte santeira do Piauí, congadas de Minas, ofício de tacacazeira na Região Norte, produção de doces tradicionais pelotenses, literatura de cordel, cultura do boi-bumbá de Parintins, modos de fazer cuias do Baixo Amazonas, pesca com arpão do pirarucu, modo de fazer tradicional da cajuína do Piauí, entre muitas outras.

Registro de bens culturais de natureza imaterial

O registro de bens culturais foi instituído pelo Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. O procedimento consiste na identificação e sistematização de conhecimento, referente ao bem cultural, e na reunião da mais ampla documentação de todos os seus aspectos culturais relevantes.

Após essa fase de instrução técnica, o processo de registro é levado à apreciação e aprovação do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Iphan. Quando aprovado, o bem é inscrito em um dos livros de registro.

Algumas titulações conferidas pelo Iphan: 3

- Arte kusiwa – pintura corporal e arte gráfica wajãpi, do Amapá;
- Ofício das Paneleiras de Goiabeiras, em Vitória (ES);
- Samba de Roda no Recôncavo Baiano;
- Círio de Nossa Senhora de Nazaré, no Pará;
- Ofício das Baianas de Acarajé;
- Modo de Fazer Viola de Cocho;
- Jongo no Sudeste;
- Cachoeira de Iauaretê (lugar sagrado dos povos indígenas dos rios Uaupés e Papuri, Amazonas);
- Feira de Caruaru (PE);
- Frevo (PE);
- Tambor de Crioula do Maranhão.



Getty Images/Jason Magro – Lumiar

Dançarino de frevo na Ponte da Boa Vista, Recife – PE

GALERIA DE ARTE 4



Ofício das baianas do acarajé, Bahia



Feira de artesanato de Caruaru, Pernambuco



Viola de cocho e expressões associadas ao siriri e caruru – Mato Grosso e Mato Grosso do Sul



Círio de Nossa Senhora de Nazaré, Belém

Atividade 5

Pesquise bens culturais materiais e imateriais de sua cidade ou de seu estado. Selecione algumas imagens deles. Depois, imprima uma cópia reduzida e cole em uma folha a ser anexada a seu portfólio. Amplie algumas dessas imagens e componha com os colegas um grande painel em sua sala ou em ambientes digitais, como museus virtuais ou *blog* da escola.

Arte indígena 6

Ao estudar a arte indígena, a maioria das pessoas tende a julgar que as criações dos povos indígenas pertencem apenas a um tempo passado, a um mundo que não existe mais. Porém, ao cometer esse erro, essas pessoas deixam de apreciar uma arte que está em pé de igualdade com as produções contemporâneas, pois são, igualmente, manifestações de grande valor estético e significado profundo, e também deixam de conhecer a arte de povos cuja cultura contribuiu fortemente para criar a identidade do povo brasileiro.

A arte de muitos dos grupos indígenas do Brasil é milenar. Alguns desses povos, que estavam aqui muito antes de os colonizadores chegarem a essas terras, foram extintos, outros vivem em áreas especiais, as reservas, ou mesmo nos centros urbanos. A pintura, os trançados (utilizados na cestaria, por exemplo) e os grafismos têm um encanto próprio e estão presentes no corpo do indígena, nos objetos utilitários e naqueles que são utilizados nos rituais, nas casas e até no papel, nos dias atuais.

Cerâmica indígena

Entre as produções dos povos do passado, destaca-se a cerâmica marajoara. É assim chamada porque foi encontrada na região de Marajó, uma grande ilha localizada na Foz do Rio Amazonas. Os grupos indígenas que ali viveram tinham uma cultura elaborada, conhecida como marajoara. Acredita-se que esse tipo de cerâmica tenha surgido na ilha por volta do século IV d.C., sendo produzido até o século XIV, mas suas origens remontam a 800 a.C. A sociedade marajoara era dividida em classes sociais, havendo divisão das tarefas entre os habitantes, como era o caso do profissional dedicado exclusivamente à produção de cerâmica. De acordo com os pesquisadores John Hemming e Carlos Eugenio Marcondes de Moura, a "cultura marajoara era mais complexa do que qualquer outra das sociedades tribais posteriores encontradas pelos colonizadores europeus". Essas cerâmicas são produzidas ainda hoje no Pará por artesãos indígenas ou pertencentes à população local. Já os objetos históricos fazem parte das coleções de museus e coleções particulares, tanto no Brasil como no exterior, como a que se encontra no Museu do Marajó.

Pulsar Imagens/Kuk Bassil



Bule e xícaras de cerâmica marajoara

Pulsar Imagens/Rogério Reis



Urna antropomorfa – marajoara do tipo joanes pintado, 38 cm – Ilha de Marajó – PA

Studio Ribeira Gaudiano



Banco pequeno – marajoara do tipo anajás simples inciso, 13 cm – Ilha de Marajó – PA

Outras cerâmicas indígenas, com estilo bastante elaborado, são as de Santarém e Karajá. A primeira caracteriza-se por seus ídolos antropomórficos que apresentam cabeça e, geralmente, as mãos tapando a boca ou o nariz. São peças ricamente enfeitadas, em especial as **cariátides** e as de gargalo. Já a produção karajá é representada, principalmente, pela criação de bonecas.

cariátides: vasos de cerâmica com figuras modeladas que sustentam uma vasilha sobre suas cabeças. Esses vasos apresentam em sua estrutura decorações com figuras humanas ou animais, como antas, macacos e outros.

A produção está dividida em fases, a antiga e a moderna. Na antiga, as figuras não eram cozidas e reproduziam pessoas sozinhas e em pé. As cabeleiras eram de cera e o corpo, coberto com as pinturas feitas pela tribo. Na fase moderna, surgem as bonecas de cabeleira, em grupos, deitadas, sentadas ou em pé. As bonecas modernas reproduziam, com movimento e ritmo, o cotidiano da tribo.

GALERIA DE ARTE 7

Observe a riqueza da cerâmica indígena e sua diversidade de grafismos e combinações.



Foto: Imagem/Cy Koch

Urna antropomorfa aruã. Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva, Macapá (AP)



Foto: Imagem/Mario Friedlander

Boneca em barro karajá. 8 cm. Rio Araguaia



Vaso de cerâmica marajoara – uma funerária. Ilha de Marajó (PA)



Vaso de cariátides. 11,1 cm de altura. Santarém (PA)



Muiraquitã, amuleto raríssimo esculpido em jade, Leitico Batraquiforme. Museu João Fona, Santarém (PA)



Tanga de cerâmica marajoara. Ilha de Marajó (PA)



Vaso de gargalo. 13 cm de altura. Santarém (PA)

As obras encontram-se no Museu Paraense Emílio Goeldi, Instituto Nacional de Artes Plásticas.

Saiba mais sobre o Museu Goeldi lendo este texto:

Museu Goeldi – O museu da Amazônia

Áreas de Atuação

O Museu Goeldi tem suas atividades distribuídas entre a pesquisa, a comunicação científica e a formação de recursos humanos. As linhas de pesquisa estão organizadas em quatro coordenações: Ciências da Terra e Ecologia, Botânica, Zoologia e Ciências Humanas (antropologia, arqueologia e linguística indígena). Associados às coordenações, existem quatro cursos de pós-graduação: mestrado e doutorado em Zoologia e em Ciências Sociais, em parceria com a Universidade Federal do Pará (UFPA); mestrado em Botânica Tropical, juntamente com a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA); e mestrado em Ciências Ambientais, em parceria com a Embrapa Amazônia Oriental e UFPA.

Em complemento a esses cursos, existem quatro programas destinados à formação científica em diversos níveis de ensino: Programa Institucional de Iniciação Científica Júnior (PIBIC-Jr.), destinado a estudantes do ensino médio e fundamental; Programa de Estágios, para estudantes do nível médio e de graduação; Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), destinado aos estudantes de graduação; e o Programa de Capacitação Institucional (PCI), voltado para a fixação de pesquisadores graduados e pós-graduados. Juntos, esses programas oferecem mais de 200 bolsas anualmente.

Os resultados das pesquisas do MPEG são divulgados para públicos distintos, com suportes e veículos diferenciados. A instituição dispõe de um sistema de comunicação científica que envolve a Coordenação de Informação e Documentação (Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna e Arquivo Guilherme de La Penha), a Coordenação de Museologia, o Parque Zoobotânico, o Serviço de Comunicação Social e o Núcleo Editorial.

O Museu Goeldi mantém dois periódicos científicos: o "Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas" e o "Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais". Ambos foram criados em 1894, são permutados com instituições científicas e estão disponíveis online, com acesso gratuito. O Núcleo Editorial é organizado para atender também à publicação de livros científicos, didáticos e de divulgação científica.

MUSEU Goeldi: o museu da Amazônia. Áreas de Atuação. Disponível em: <http://www.museu-goeldi.br/portal/content/%C3%A1reas-de-atua%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 3 abr. 2014.

PARE E REPARE 8

Na arte indígena, combinam-se grafismos inspirados na forma de animais e múltiplos elementos da natureza. Veja algumas combinações na página seguinte.


Foto: Imagens Ricardo Teles


Studio Mitos Garcêtano


Studio Mitos Garcêtano


Foto: Imagens Ricardo Teles

Cerâmica marajoara

ARTE NA PRÁTICA 9

Crie grafismos inspirados na cultura indígena e considere, em sua criação, aspectos como:

- coerência;
- incoerência;
- simbolismos;
- temática;
- regionalismos;
- a estética dos marajoaras.


Rapporto, 2014. Digital.

Outras formas de arte: plumária, dança e pintura corporal

A arte plumária é muito difundida entre os povos indígenas brasileiros, sendo uma de suas maiores manifestações artísticas na atualidade. Trata-se de peças criadas com plumas e penas de aves, utilizadas para representar como o integrante do grupo está se sentindo, para determinar seu prestígio ou poder em relação à sua comunidade, para diferenciar uma nação da outra e em cerimônias (rituais) indígenas. Esses objetos criados com penas – brincos, colares, cocares, braceletes, diademas, máscaras, etc. – apresentam também efeitos estéticos e de afirmação do grupo indígena.

As danças acompanhadas de música também estão entre as manifestações muito praticadas pelos indígenas. Em geral, são uma tradição dos rituais, mas também podem ser usadas em reuniões sociais. São momentos de socialização do grupo ou de passagem de uma situação para outra, como da adolescência para a vida adulta, etc. A maior parte dos rituais tem um planejamento, em que são confeccionados artefatos, feitos convites (por vezes a nações vizinhas) e preparados os alimentos. As melodias das músicas são ricas e bastante ritmadas, podendo ser acompanhadas por sons vocais, corporais ou de instrumentos, a maioria de fabricação própria, embora alguns deles tenham sido introduzidos pelo contato com as outras civilizações (por exemplo, com os descendentes de europeus), como é o caso do violão.


Stale Mitsa Gaidiano

As requintadas técnicas de trançado são transmitidas pelas mulheres de geração a geração, por tradição oral. Índia xavante da aldeia Pimentel Barbosa (MT)

A pintura corporal é bastante utilizada entre os indígenas brasileiros, sendo comum o emprego dos mais diversos motivos gráficos. Porém, cada povo tem a própria linguagem e significados para a pintura. Em alguns grupos, por exemplo, pode indicar a categoria social à qual o indivíduo pertence, sendo diferente conforme o sexo ou a idade, ou seja, ela marca diferenças entre homens e mulheres – visto que alguns motivos gráficos só podem ser usados por um dos sexos –, ou pode separar o grupo entre os indivíduos que são socialmente maduros daqueles que ainda não atingiram esse estágio. A pintura do corpo também está extensamente ligada às cerimônias. Entre os xavantes, ela pode estar relacionada, por exemplo, com a onça, o jaburu e o lobo, que fazem parte do ritual de iniciação das mulheres. Na tribo dos asurinis, quando ocorrem os rituais, a pintura corporal distingue os participantes em relação ao restante do grupo, dando destaque principalmente àqueles que dançam durante a festa a fim de entrar em contato com o mundo espiritual.


Stale Mitsa Gaidiano

Dança xavante na aldeia Pimentel Barbosa (MT). Os rituais marcam a passagem do indivíduo pelas diferentes fases da vida. Todos eles envolvem a confecção de artefatos, farta alimentação e convites a parentes e aliados.


Stale Mitsa Gaidiano

Muitas danças e representações indígenas fazem parte dos ritos. Algumas dessas encenações apresentam atores, espectadores e ações que caracterizam possíveis espetáculos.

Para os kayapó-xikrin, grupo indígena que ocupa vasta região do sudeste do Pará, a pintura corporal é a "pele social", caminho para a inclusão social. Ainda muito pequenas, as crianças desse grupo indígena são pintadas pelas suas mães. A pintura que elas recebem é uma manifestação de carinho e interesse da mãe pelo filho. Além disso, o corpo das crianças serve como laboratório de aprendizagem para que a mãe se torne uma pintora. Não há restrições ou modelos predeterminados; é uma escolha exclusiva da mãe. A pintura dos adultos obedece a padrões rígidos e segue regras ligadas à organização social. Observe as imagens:



Pintura de mulher com filho recém-nascido



Pintura de fim de resguardo



Fim do ritual de iniciação masculina

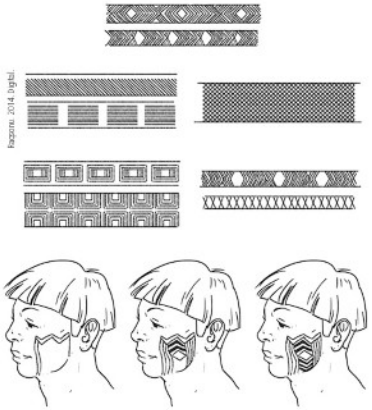


Pintura cerimonial

Raposo, 2014. Digital

Na tribo dos kayapó-xikrin, todo recém-nascido, assim que o cordão umbilical cai, é pintado com jenipapo (azul-escuro ou esverdeado), adquirindo, dessa forma, sua posição ou *status* social no grupo. Para os adultos da tribo, essa pintura é um sistema de comunicação visual rigidamente estruturado, cuja função é simbolizar eventos e processos que marcam, no espaço e no tempo, as transformações dos indivíduos na comunidade. Ou seja, é um recurso para a construção da identidade. A tarefa de pintar é exclusividade feminina. Os homens apenas passam tintura de carvão (preto) ou urucum (vermelho) na face e no corpo. De modo geral, a pintura corporal é uma forma de integração e socialização entre os indivíduos. Usar o corpo como suporte para pintura não é exclusividade dos indígenas brasileiros. Muitas outras culturas também se utilizam dessa atividade para se expressar ritual, social ou esteticamente. Mas nem toda pintura corporal tem origem na tradição. Na sociedade atual, o corpo é a mídia que muitos jovens utilizam para expressar ideias, sentimentos e posição diante da sociedade.

Observe, a seguir, alguns motivos decorativos da face:



Cerâmica no Nordeste

A cerâmica das paneleiras de Espírito Santo, a arte indígena, os artistas do Vale do Jequitinhonha e Mestre Vitalino revelam a cultura brasileira, em diversos campos. A cerâmica popular brasileira é expressão do imaginário lendário e mítico nacional. Realizada com técnicas e materiais simples, essa arte povoa praças, mercados e museus. Em Pernambuco, na cidade de Caruaru, são comuns as pequenas figuras representando personagens, cenas e costumes populares, como as que fazia Mestre Vitalino.


Fábio Colombini

Cerâmica do Vale do Jequitinhonha: boneca de João, de Santana do Araçuaí. Ponto dos Volantes (MG), 2006.


Fábio Colombini

Cerâmica do Vale do Jequitinhonha: boneca de Zezinha. Minas Novas (MG), 2006.

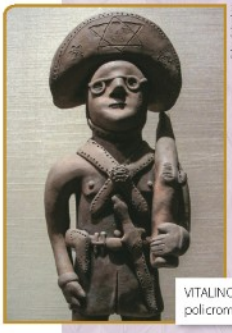


Cerâmica do Vale do Jequitinhonha, de Noemisa Batista Santos. UFMG, Belo Horizonte (MG), 2009.



REIS, Rogério. *Lampião e Maria Bonita*. 2013. 2 cerâmicas policromadas.

Catálogo do artista



VITALINO, Mestre. *Lampião*. 1945. Cerâmica policromada. Museu Afrobrasil, Caruaru (PE).

Vitalino Pereira dos Santos, conhecido como **Mestre Vitalino** (1909-1963), artesão e ceramista pernambucano. Retratou a cultura popular e o folclore nordestino em peças de rara beleza e simplicidade.

Foi um dos poucos artistas brasileiros a ter suas peças expostas no Museu do Louvre, em Paris. Mestre Vitalino também foi músico, compositor e líder de uma banda de pífanos (flauta transversal com timbre intenso). Em suas obras, revela a riqueza da cultura nordestina abrangendo diversas linguagens artísticas. O artista transforma o barro com cores vivas e dá forma à mulher rendeira, Maria Bonita, e a Lampião, entre outros tantos personagens.

Mestre Vitalino viveu na época em que Lampião foi perseguido e morto. Ambos tornaram-se figuras lendárias de um Brasil de contrastes, verdades, tragédias e belezas incontáveis. [12]

Mulher rendeira [13]

(Adaptação de Zé do Norte, sobre motivo atribuído a Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Domínio público.)

Olê muié rendera
Olê muié rendá
Tu me ensina a fazê renda
Que eu te ensino a namorá

Lampião desceu a serra
Deu um baile em Cajazeira
Botou as moças donzelas
Pra cantá muié rendera

As moças de Vila Bela
Não têm mais ocupação
Se que fica na janela
Namorando Lampião.

CURIOSIDADE

Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) nasceu em Vila Bela, atual Serra Talhada, em 1897. Foi um assassino cruel que matava os inimigos com punhaladas entre a clavícula e o pescoço.

Dizem que ele e seu bando costumavam entrar nas cidades cantando a canção "Mulher rendeira", composta pelo próprio Lampião. Muito cantada nos sertões nordestinos nos tempos do rei do cangaço, a música foi incluída no filme *O Cangaceiro*, do diretor Lima Barreto, em 1953. Na época, sofreu adaptação do compositor Zé do Norte (Alfredo Ricardo do Nascimento), que manteve os principais elementos de sua estrutura.

Lampião e Maria Bonita foram mortos em emboscada realizada pela polícia em 1938, mas continuaram vivos e presentes na vida dos nordestinos, frequentando páginas dos cordéis e rodadas de repentes.

Literatura de cordel: apresenta a poesia popular, geralmente impressa em folhetos ilustrados com o processo de xilogravura. Recebeu esse nome em Portugal, pois os folhetos eram expostos em cordões, estendidos nas ruas ou nos mercados populares. Chegou ao Brasil no século XVIII e, atualmente, é possível encontrá-la na Região Nordeste do Brasil.
Rodada de cordéis: apresentação da leitura de várias obras desse gênero.
Repentistas: poetas populares que cantam seus versos, geralmente acompanhados da viola. Manifesta-se na trova gaúcha (Rio Grande do Sul), no calango (Minas Gerais), no cururu (São Paulo), no samba de roda (Rio de Janeiro) e no repente nordestino, que, diferentemente dos outros, caracteriza-se pelo improviso.
Rodadas de repentes: desafios entre dois ou mais cantadores, os quais recebem da plateia um tema (mote) e o desenvolvem na hora.

Músicas urbana, rural e regional

Música do Nordeste brasileiro 14



Fotos/Antonio Carlos Matallo



Fotos/Adriana Ribeiro

Luiz Gonzaga e Alceu Valença: grandes incentivadores da cultura nordestina

O Nordeste do Brasil é uma região bastante rica em termos musicais e culturais, com ritmos e danças que influenciaram artistas de outras partes do nosso território e movimentos importantes, como a Tropicália, o que auxiliou na sua difusão por todo o país. Entre os gêneros típicos da dança e da música mais conhecidos dessa região, encontram-se o baião e o xaxado.

Luiz Gonzaga (1912-1989), conhecido como o "Rei do Baião", foi músico, sanfoneiro, cantor e compositor pernambucano. Foi incentivador dos ritmos nordestinos, como o baião, o xaxado e o xote (de origem germânica, foi abrasileirado em diversas regiões do país). Seu mais importante sucesso, "Asa Branca", feito em parceria com Humberto Teixeira e gravado por Luiz Gonzaga no dia 3 de março de 1947, virou hino do Nordeste brasileiro. Em 2012, comemorou-se 100 anos do nascimento de Luiz Gonzaga com o lançamento do filme *Gonzaga. de pai para filho*, que conta a história de sua vida.

O **baião** é uma corruptela do termo "baiano" ou, conforme alguns estudiosos, de "baía grande". Sua invenção é atribuída como gênero musical a **Luiz Gonzaga**, porém, em termos folclóricos, sua existência é anterior ao "Rei do Baião", sendo popular desde o século XIX, quando era a dança preferida no Nordeste do Brasil. Os dançarinos que diziam estar "dançando o baiano", como era conhecido de Sergipe a São Paulo, faziam com os dedos um estalo na direção da pessoa escolhida para ser seu par. No século XX, em meados da década de 1940, Luiz Gonzaga modificou a estrutura do antigo baião, acrescentando influências do samba e das congas cubanas, popularizando o gênero por todo o Brasil por meio das rádios. Com a presença comum da sanfona, o baião como o conhecemos hoje é fruto dessas intervenções feitas pelo mestre sanfoneiro também conhecido como Gonzagão.

Já o **xaxado** tem origem no alto sertão de Pernambuco, sendo dançado exclusivamente por homens. Sua divulgação foi feita pelo cangaceiro Lampião e pelos "cabras" que faziam parte do seu grupo em suas andanças pelo interior do Nordeste. A coreografia consistia em pessoas dispostas em círculo, em fila, com o pé direito à frente realizando três ou quatro movimentos e o pé esquerdo sendo puxado com um sapateado rápido e deslizado. O tempo forte era marcado pelos cangaceiros com uma pancada do cabo do rifle no chão. De acordo com o historiador Luís da Câmara Cascudo, o xaxado é uma onomatopeia do ruído *xa xa xa* provocado pelas sandálias com tiras de couro, conhecidas como alpercatas, ao serem arrastadas no chão. Segundo Luiz Gonzaga, "o rifle é a dama".



DKO Estúdio. 2014. Digital.

Barbatuques

Barbatuques é um núcleo artístico que tem uma proposta pedagógica embasada na percussão corporal, ou seja, na utilização do corpo como instrumento musical. Esse trabalho foi iniciado pelo músico Fernando Barba, com base na exploração dos inúmeros sons produzidos pelo corpo. De uma brincadeira, denominada pelo artista de "barbatuques", a proposta logo se transformou em arte. O tema desse grupo é o ser humano, o corpo, a voz, a vida.

O Barbatuques é composto de um grupo musical e um núcleo de professores que, desde 1995, atuam no Brasil e no exterior. Foi contemplado, em 2006, com o Prêmio TIM de Música como melhor grupo de MPB. Já se apresentaram e realizaram *workshops* em países como França, Espanha, Estados Unidos, Suíça, Portugal, Líbano, Rússia, Senegal e Colômbia.

Integrado e em sintonia com diversas formas de expressões artísticas, o Barbatuques amplia sua atuação, realizando oficinas para grupos artísticos, empresas, escolas, fundações culturais, organizações não governamentais (ONGs) e universidades. Fez, por exemplo, uma oficina destinada ao elenco do espetáculo *Saltimbanco*, do Cirque du Soleil, em São Paulo.



Fotógrafo: Alexandre Rezende



Fotógrafo: Chris von Arnim

Barbatuques, referência internacional. O grupo é reconhecido e tem ampla vivência no Brasil e no exterior.

Olodum

Grupo fundado pelos moradores do bairro Maciel-Pelourinho, em 1979, como um bloco afro do carnaval de Salvador, para brincar de forma organizada e planejada. Atualmente, é também uma ONG, que tem como principal atividade o incentivo aos movimentos compostos de afrodescendentes que assegurem os direitos civis e humanos.



Lana Shock/Alamy/Fotoarena

Olodum

Música urbana

As produções musicais dos centros urbanos são formas simbólicas que revelam a cultura e a identidade de cada lugar. E, se no passado, havia o domínio da forma musical urbana sobre a rural ou regional, na atualidade, a música urbana caracteriza-se pela diversidade. *Rock* e baião se juntam com o forró, o *rap* e a balada na chamada música popular. Tão importante quanto a música erudita, clássica ou sacra, a música popular valoriza a diversidade.

O *rock*, o samba, o *rap*, o brega, a música romântica, a *disco*, todas essas expressões da música revelam aspectos da realidade. Dessa forma, em cada ritmo, encontram-se obras que poderão ser apreciadas por sua qualidade.

As pessoas têm suas preferências musicais, mas é importante conhecer diferentes gêneros, ritmos e ampliar, assim, o repertório sobre esse universo.

ARTE NA PRÁTICA [16]

Em grupos, organizem um festival de música em sua escola. Pesquisem e selecionem as canções típicas de cada região mais tocadas ou populares. Durante a apresentação, personifiquem os principais artistas, alternando a interpretação da música original com trechos adaptados para temas atuais e ritmos variados. Se possível, registrem em vídeo o festival de sua escola.

Candido Portinari e Humberto Espíndola [17]

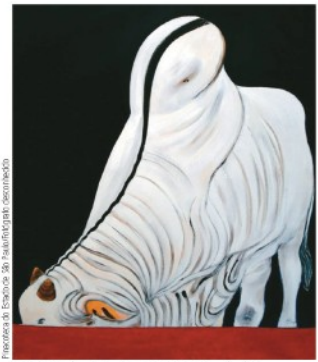
A vida do campo e das cidades do Brasil é retratada em diversas linguagens da arte por artistas brasileiros importantes, como Candido Portinari e Humberto Espíndola.

Portinari, em suas obras, retrata o dia a dia do sertão e o cotidiano da cidade do interior em que viveu na sua infância. Humberto Espíndola integra na figura do boi as alegrias e a rudeza da vida do campo e da cidade. Observe as obras a seguir.



Museu Nacional de Arte Contemporânea/Fotografia disponibilizada

PORTINARI, Candido. *Chorinho*. 1942. 1 painel, têmpera sobre tela, color., 225 cm × 300 cm. Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa.



Pinacoteca do Estado de São Paulo/Fotografia disponibilizada

ESPÍNDOLA, Humberto. *Cupins*. 2008. Acrílica sobre tela, 75 cm × 95 cm.

Catálogo do artista

Candido Portinari (1903-1962) nasceu em uma fazenda de café perto da cidade de Brodowski, São Paulo. Começou a trabalhar como ajudante de pintores e escultores italianos decorando as igrejas das cidades do interior, mas queria mesmo ser pintor. Para isso, foi estudar Arte na cidade do Rio de Janeiro. Suas obras retratam cirandas, circos, crianças brasileiras e a alegria da infância. Em 1932, realizou sua primeira exposição individual. Também pintou, em quadros e murais, o sofrimento e a luta de trabalhadores, homens e mulheres de todas as etnias, diante da pobreza, da seca, da fome. Em cada figura, em cada cena, mostrou um jeito triste, corajoso e alegre do brasileiro.

Humberto Espíndola (1946-), compositor, músico e artista plástico brasileiro, nascido em Campo Grande (MS). Formou-se em Jornalismo, em 1965, mas começou a pintar um ano antes. Pioneiro no uso de novos suportes e objetos, sua obra esteve presente em bienais de São Paulo, Veneza, Paris e Medellín. No período em que morou em Cuiabá (MT), foi um dos responsáveis pela criação do Museu de Arte e Cultura Popular da Universidade Federal do Mato Grosso. Retornou novamente a Campo Grande e assumiu a Secretaria Estadual de Cultura e também a Diretoria do Museu de Arte Contemporânea do Mato Grosso do Sul.

Suas obras estão expostas em importantes museus, como o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, o Museu de Arte Moderna de São Paulo e a Pinacoteca do estado de São Paulo.

Museu

O Patrimônio Material e Imaterial das diferentes formas de expressão pode ser apreciado também nos museus. Em um museu, é possível conhecer mais sobre a vida de pessoas, objetos e fatos da história que estão ligados, de alguma maneira, à sua coleção.

O museu mostra sua coleção em exposições. Faz um projeto, uma pesquisa e então seleciona as peças que serão apresentadas ao público. Quando uma escola visita um museu, quem recebe a turma são os monitores, que dão muitas informações. Às vezes, durante a visita ou depois dela, eles propõem atividades de desenho, pintura, colagem, etc. Você também pode se informar por meio das etiquetas que normalmente acompanham as obras. Nelas constam:

- nome do autor e período em que viveu;
- nome da obra e data em que foi produzida;
- técnica utilizada;
- dimensões da obra.



© shutterstock.com

MoMA – Nova Iorque


© Shutterstock/Giancarlo Liguori

Louvre – Paris


© Shutterstock/Ljupco Smokovski

Musée d'Orsay – Paris


© Shutterstock/Giancarlo Liguori

MASP – São Paulo


Leila Reyes/Centro Cultural São Paulo/Fotos Públicas

MAM – São Paulo


Rafael Canoletti/Agência Estado

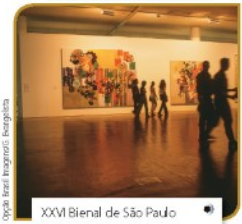
MASP – São Paulo


© Shutterstock/Tupungato/Getty Images

Metropolitan – Nova Iorque


© Shutterstock/Ljupco Smokovski

Musée d'Orsay – Paris


Ogvia Brasil Imagens/Fotos Públicas

XXVI Bienal de São Paulo


© Shutterstock/Michelle Gabriel

MoMA – Nova Iorque

Saiba mais

O museu não é um edifício. Pode até ocupar um prédio antigo, mas ele é museu por guardar, em acervo, um patrimônio. Uma coleção é a reunião de objetos da mesma espécie ou com alguma relação entre si.

Nos templos gregos, há mais de 2 500 anos, havia coleções de pinturas e tesouros chamadas de *pinakotheke*. Com o passar do tempo, aumentaram as coleções e o número de colecionadores. Fazer coleção trazia *status* – príncipes, reis, ricos, papas, comerciantes (burgueses), as pessoas comuns e também as crianças colecionavam. Primeiro, as coleções eram guardadas em caixas . Depois, passaram a ser guardadas em armários: os *garderobes*. Enfim, as coleções cresciam tanto que precisavam de salas e assim surgiram os museus.



© Shutterstock/Tupungato

Museu do Louvre, Paris.

Entender o museu é fácil. Mais ainda, se você é ou foi dono de alguma coleção. O museu coleta, conserva, guarda, pesquisa e mostra aquilo que os seres humanos fazem. Coleta comprando, recebendo doação, resgatando, também limpa, embala as peças que não estão expostas, protegendo-as de insetos e da umidade. Há especialistas que fazem esse serviço: os conservadores.

Restaurar uma obra de arte é arrumá-la, repará-la, consertá-la. Quem faz isso é o restaurador. Nos museus, também há vigias, alarmes e salas especiais onde se guarda a coleção de possíveis "perigos".

Museu do Louvre, Paris [18]



© Shutterstock/Michele Ursini

Pátio central do Museu do Louvre, Paris

O Museu do Louvre foi aberto para visitação pela primeira vez em 8 de novembro de 1793, durante a Revolução Francesa. O Louvre já foi sede do governo francês. Recentemente, esse palácio passou pela última de inúmeras ampliações e reformas com a construção da polêmica pirâmide de cristal, desenhada por Leoh Ming Pei, arquiteto chinês. Localizada no pátio central do Louvre, a pirâmide de cristal tornou-se o acesso principal ao museu.

O Louvre é um dos mais importantes museus do mundo. Fazem parte do seu acervo obras como *Vênus de Milo* e *Vitória de Samotrácia*, da arte grega; *Mona Lisa* e *Madona nos rochedos*, de Leonardo da Vinci; *O banho turco*, de Jean Auguste Dominique Ingres; *A liberdade guiando o povo*, de Eugène Delacroix; entre muitas outras de igual valor artístico e histórico. Ao visitar o Louvre, podem ser apreciadas obras de Bosch, Botticelli, Caravaggio, Michelangelo e muitos outros. Além de pinturas e esculturas, esse museu também apresenta um grande acervo da arte das culturas egípcia, grega, romana, etrusca, assíria, persa, do artesanato islâmico e do mobiliário ocidental.

Podemos dizer que o imenso acervo do Museu do Louvre é também um fantástico arquivo de ideias, sentimentos e saberes que somente o ser humano é capaz de realizar, imaginar, criar. Cada uma das suas obras é o registro e a expressão de batalhas, amores, grandezas, fraquezas, guerras, fracassos, vitórias, ideais, sonhos.

Assim como as esculturas, pinturas e o próprio Louvre, as canções, os poemas e as histórias expressam os valores das sociedades, ajudam a entender os percursos da humanidade ao longo de sua existência e inspiram reflexões sobre o futuro das sociedades.


© Shutterstock/S.F.


© 123RF/hui0711


© 123RF/Peter Sobe


© 123RF/Angel Egmyr

Interior do Museu do Louvre

Museus brasileiros 19

O Estatuto de Museus brasileiros define muito bem as finalidades de um museu:

> Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.
>
> BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 15 jan. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 5 maio 2014.

Assim, o museu é um espaço de pesquisa e produção de conhecimento, de memória e de cidadania. Existem 3 118 museus, incluindo 23 museus virtuais, mapeados pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e espalhados por todo o território nacional. A cidade do Rio de Janeiro é a sede do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, instituição museológica mais antiga do Brasil, inaugurada em 1818, e que abriga, aproximadamente, 20 milhões de itens.

Visite um museu da sua cidade. É uma forma prazerosa de adquirir conhecimento. Eles podem ser classificados como de arte, histórico ou temático (por exemplo, de ciências, telecomunicações, cultura afro, café, língua portuguesa, etc.).

Entre os museus de arte, pode-se destacar o Museu de Arte de São Paulo (MASP), projetado pela arquiteta modernista Lina Bo Bardi. Ele apresenta mais de oito mil peças que representam a arte desde a Antiguidade greco-romana até a contemporaneidade. Estão expostas obras de artistas como Monet, Rembrandt, Picasso, Cézanne, Degas, Van Gogh, Di Cavalcanti, entre outros. Além disso, realiza mostras temporárias de museus e galerias de outros países e regiões do Brasil.

Achillina Bo Bardi (1914-1992), arquiteta, *designer*, cenógrafa, editora e ilustradora de origem italiana. Sua obra mais conhecida é a sede do Museu de Arte de São Paulo (MASP).



© Shutterstock/Thiago Leite

O MASP, fundado em 1947, é um dos mais importantes museus da América Latina e cartão-postal da cidade de São Paulo.

Atividade 20

Visita ao museu: um projeto coletivo

- Selecionar um museu ou exposição de arte em sua cidade ou região para uma visita.
- Nem sempre é possível visitar todo o museu, a menos que ele seja pequeno, por isso é importante, em sala, elaborar um roteiro e definir o que se pretende ver.
- Verificar se o museu tem um programa de visita orientada por monitores. Se tiver, é possível elaborar questões para serem respondidas por eles ou por seu professor.
- Em sala, debater sobre o que você e seus colegas aprenderam nessa visita.
- Elaborar um painel com o material coletado no museu sobre o acervo visitado. Muitos disponibilizam para os visitantes cartazes, fôlderes ou qualquer outro tipo de impressão. Pode ter também desenhos e/ou fotografias. A maioria dos museus não permite que as obras sejam fotografadas, mas é possível fotografar a fachada e seus arredores para compor a apresentação. É também importante destinar um espaço para registrar as impressões de cada um sobre essa visita.

Museu Giramundo



Foto de acervo do Giramundo Teatro de Bonecos

Da propriedade intelectual

É um museu criado em 2001 que registra a trajetória de um grupo artístico chamado Giramundo, mantendo viva sua história. O acervo é composto de bonecos, fotografias, projetos e desenhos originais, documentos, filmes, áudios, composições cenográficas, encontrando-se em constante transformação, o que possibilita acompanhar o movimento e a história do grupo em cada criação. O Giramundo recebeu, por seu trabalho, em outubro de 2008, a Ordem do Mérito Cultural, a qual premia personalidades e grupos de destaque e de comprovada relevância do cenário artístico e cultural do país.

É um importante grupo de teatro brasileiro da atualidade. Alia o tradicional do teatro de bonecos às múltiplas possibilidades de encenação. Usa, por exemplo, o vídeo, mesclando criação e videoanimação. Fundado em 1970 pelos artistas plásticos e professores universitários Álvaro Apocalypse, Tereza Veloso e Madu Vivacqua, surgiu com a finalidade de agradar às crianças e às famílias e transformou-se em referência de teatro, cultura, trabalho, escola e arte.

Oferece oficinas, palestras e mostras itinerantes, as quais acontecem no palco e na rua, formando uma nova geração de cenógrafos, atores, diretores e músicos do teatro brasileiro. Sua equipe de marionetistas pode realizar três espetáculos do repertório ao mesmo tempo e em locais diferentes, enquanto outra parte do grupo cria bonecos e animações para TV.

O Giramundo mudou a forma de ver e compreender o teatro de bonecos, por meio de espetáculos que aliam os clássicos da literatura universal a elementos da cultura e da história do Brasil, em textos construídos pelos próprios integrantes.

O teatro Giramundo tem uma forma especial de criar que abrange estilos diversos. Mas o que é estilo?

Estilo 21

A palavra **estilo** é usada para designar a maneira como uma pessoa, uma nação, um artista ou uma época expressam seus valores, ideias, sentimentos e saberes. Um estilo pode ser percebido por meio da arte, da moda, das festas, dos rituais cotidianos. É assim que uma cena, um filme, um poema, uma música, uma fotografia ou uma história expressam maneiras de viver. O estilo de um tempo.

Podemos entender como estilo o conjunto de características resultantes da utilização de sistemas técnicos (regras) e estéticos próprios de um artista, de uma pessoa ou de determinada época ou, ainda, de uma região geográfica específica. A maneira como cada artista organiza a linha (o desenho) e a cor, valorizando combinações, com ou sem o predomínio de uma sobre a outra, define um estilo pessoal. Não é à toa que ouvimos com frequência a expressão: "sem dúvida, esse é um Van Gogh".

ARTE NA PRÁTICA

Assim como as palavras têm múltiplos sentidos em um texto; nas linguagens artísticas, a imagem, o gesto, a representação também apresentam seus códigos, os quais expressam o estilo de uma época. Na contemporaneidade, uma das características é a expressão ou reunião de muitos estilos. Quer seja o clássico, o moderno, o urbano, o rural, cada um combina com uma identidade.

Agora é sua vez. Inspirado no grupo Giramundo, explore os estilos em sua diversidade.

Reúna-se em grupos e façam a adaptação de uma história infantil, de um clássico da literatura ou do universo popular, transpondo-o para a atualidade. Registre a sinopse de sua história no caderno ou portfólio.



Da pesteste Júnior

Dança: uma forma de expressão universal

Existem muitas formas de dançar, e cada uma delas tem um estilo, uma estrutura, um formato.

Como você estudou anteriormente, a dança também compõe um universo rico do Patrimônio Imaterial.



MATISSE, Henri. *A dança* (1909 ou 1910). 1 óleo sobre tela, color., 260 cm × 391 cm. Hermitage, São Petersburgo.

Balé clássico e dança acadêmica



DEGAS, Edgar. *A estrela*. 1876-1877. 1 pastel sobre papel, color., 58,4 cm × 42 cm. Museu d'Orsay, Paris.

O estilo clássico tem suas origens no século XV, nas cortes renascentistas, sendo uma dança de grande beleza formal, que exige um grande domínio técnico. O balé alcançou bastante popularidade com o rei Luís XIV, da França, o Rei Sol, que amava a dança. Ele próprio era um dançarino virtuoso e foi responsável pela fundação, em 1661, da Academia Real de Balé. Da ligação inicial com a corte, o balé herdou a denominação balé de corte e, de sua consagração como dança nas academias criadas por toda a Europa após a fundação da Academia Real de Balé, nasceu um estilo que ficou conhecido como dança acadêmica. Esse último é herdeiro do balé de corte e se difundiu por todo o mundo, tendo como linhas centrais de sua estética o predomínio da verticalidade do corpo, o uso das sapatilhas de ponta pelas dançarinas, a harmonia, a elegância e a graça dos movimentos, assim como seu aspecto etéreo e elevado.

Dança moderna

Expressão que se originou nos Estados Unidos na passagem do século XIX para o século XX para designar um novo estilo que tinha características inversas às da dança acadêmica. A dança moderna se refere a um conjunto de diversos estilos, cujas características comuns são o fato de as bailarinas não utilizarem sapatilhas de ponta nem as formas da dança acadêmica, procurando aplicar temas que tivessem ligação com o cotidiano das pessoas da época. Na dança moderna, houve a quebra da verticalidade do corpo e também uma ruptura com os rigores do classicismo. As coreografias buscavam estabelecer uma relação de identidade entre o público e os dançarinos, assim como estabelecer novas formas de expressão para o corpo.



PICASSO, Pablo. *A dança*. 1925. 1 óleo sobre tela, color., 215 cm × 142 cm. Tate Gallery, Londres.

Dança contemporânea

A dança contemporânea nasceu a partir dos princípios estabelecidos pela dança moderna. Suas principais tendências refletem a conversa com as diversas linguagens da arte, como a música, o teatro, a pintura, a *performance art*, a fotografia e o cinema, assim como a abordagem de temas sociais não convencionais extraídos do nosso cotidiano, como a violência urbana ou a violência contra a mulher, a convivência da pluralidade dos corpos, não havendo distinção entre artistas, seja de cor, forma do corpo, entre outras. São intensamente explorados recursos de iluminação e cenográficos, com bastante uso das tecnologias à nossa disposição atualmente. Além disso, há uma grande variedade de estilos, como nunca se verificou na história da dança, com possibilidades para todos os tipos de público. A dança contemporânea também não se restringe mais aos espaços convencionais, podendo ser apresentada em locais como aeroportos, praças e outros. Por outro lado, a habilidade corporal deixa de ser um pré-requisito, pois o foco não está essencialmente centrado no corpo do bailarino, mas em todo o espetáculo, inclusive na participação da plateia.

GALERIA DE ARTE



GOYA, Francisco de. *Dança em Santo Antonio de la Florida*. 1777. 1 óleo sobre tela, color., 272 cm × 295 cm. Museu do Prado, Madri.



DEGAS, Edgar. *Aula de dança*. [entre 1873 e 1876]. 1 óleo sobre tela, color., 85 cm × 75 cm. Museu d'Orsay, Paris.



ECKHOUT, Albert. *Dança dos tapuias*. [1610-1665]. 1 óleo sobre madeira, color., 168 cm × 294 cm. Museu Nacional da Dinamarca, Copenhague.



EIZIRIK, Paulina. *Os meninos dançam*. 1988. 1 acrílico sobre tela, color., 20 cm × 40 cm. Coleção particular.



RENOIR, Pierre-Auguste. *Dança na aldeia*. 1883. 1 óleo sobre tela, color., 180 cm × 90 cm. Museu d'Orsay, Paris.



GRACIANO, Clóvis. *Barra de saia*. 1973. 1 óleo sobre tela, color., 82 cm × 60 cm.



RENOIR, Pierre-Auguste. *Dança na cidade*. 1883. 1 óleo sobre tela, color., 180 cm × 90 cm. Museu d'Orsay, Paris.

Leitura dramática 22

A leitura dramática ou teatro lido é a leitura de um texto teatral, em voz alta, para um público. Esse tipo de atividade exige que a obra seja lida com emoção e interpretada por meio de gestos, expressões faciais e diferentes entonações de voz. A apresentação da leitura não precisa ter nenhum tipo de recurso, como cenário, figurino e diretor. Ela fica entre dois gêneros artísticos: a literatura e a apresentação teatral.

ARTE NA PRÁTICA 23

Realize uma leitura dramática.

- Escolher uma história curta (pode ser um texto teatral, mito, lenda, conto ou uma que você tenha escrito). Certifique-se de que todos os seus colegas irão apreciar e que tenha uma estrutura fácil de entender.
- Analisar bem a história antes de apresentá-la. Você tem de entendê-la muito bem. Leia-a várias vezes.
- Atuar em todas as partes. Fazer o papel dos personagens, com gestos, expressões faciais e tons diferentes de voz para cada um deles. O narrador também tem um estilo próprio de fala.
- Ensaiar bem para não precisar olhar o texto o tempo todo, podendo fazer contato visual com o público (isso é bem importante).